

--	--	--	--	--	--	--	--	--



REDAÇÃO

Uma reflexão sobre o mal-entendido

O jornalista, o cronista, o poeta, todos já trataram, à sua moda, do mal-entendido. Agora é a sua vez de participar dessa discussão, refletindo sobre **o mal-entendido nas relações sociais**.

Com o objetivo de contribuir para a sua reflexão, selecionamos alguns textos que abordam essa questão. Leia-os com atenção e procure confrontar sua percepção e experiência com o que dizem os textos.

Produza um texto dissertativo-argumentativo no qual você expresse de forma clara, coerente e bem fundamentada sua concepção de mal-entendido.

Recomenda-se que os textos escolhidos sirvam apenas de auxílio à reflexão e não sejam copiados. Serão valorizadas, portanto, a pertinência e a originalidade de seus argumentos.

Você deverá contextualizar o tema, discutir posições e manifestar seu posicionamento.

O seu texto deve apresentar um título sugestivo e ter cerca de 25 linhas.

Textos selecionados

A mecânica do mal-entendido

É um truque conhecido da dramaturgia, sobretudo a burlesca, o da conversa cruzada, na verdade um mal-entendido desdobrável em que uma pessoa diz uma coisa e seu interlocutor, com ingenuidade ou malícia, entende outra, mas ambos seguem adiante assim mesmo, impávidos e desentendidos. O diálogo se sustenta quase indefinidamente porque há uma simetria artificial no desencontro das mensagens. Do espichamento da tensão assim gerada, e do caráter reiterativo e portanto antecipável das piadas, tira a comédia de erros aquela graça que a caracteriza e que tem numerosos apreciadores.

A mecânica do riso provocada pela conversa cruzada não é das mais sutis, o que se comprova vendo programas de humor popular [...] . O que normalmente ninguém leva em conta é o quanto de conversa cruzada existe em qualquer comunicação. Porque é claro que toda troca de mensagens entre pessoas tem sempre uma dose de mal-entendido. Esta pode ser gigantesca ou mínima; inexistente, jamais, porque sua inexistência significaria que a moldura de referências de quem fala é idêntica à de quem ouve. Uma impossibilidade humana.

RODRIGUES, Sérgio. *What língua is esta?: estrangeirismos, neologismos, lulismos & outros modismos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 103.

Cão! Cão! Cão!

Abriu a porta e viu o amigo que há tanto não via. Estranhou apenas que ele, amigo, viesse acompanhado de um cão. O cão não muito grande mas bastante forte, de raça indefinida, saltitante e com um ar alegremente agressivo. Abriu a porta e cumprimentou o amigo, com toda efusão. "Quanto tempo!" O cão aproveitou as saudações, se embarafustou casa adentro e logo o barulho na cozinha demonstrava que ele tinha quebrado alguma coisa. O dono da casa encompridou um pouco as orelhas, o amigo visitante fez um ar de que a coisa não era com ele. "Ora, veja você, a última vez que nos vimos foi..." "Não, foi depois, na..." "E você, casou também?" O cão passou pela sala, o tempo passou pela conversa, o cão entrou pelo quarto e novo barulho de coisa quebrada. Houve um sorriso amarelo por parte do dono da casa, mas perfeita indiferença por parte do visitante. "Quem morreu definitivamente foi o tio... Você se lembra dele?" "Lembro, ora, era o que mais... não?" O cão saltou sobre um móvel, derrubou o abajur, logo trepou com as patas sujas no sofá (o tempo passando) e deixou lá as marcas digitais de sua animalidade. Os dois amigos, tensos, agora preferiam não tomar conhecimento do dogue. E, por fim, o visitante se foi. Se despediu, efusivo como chegara, e se foi. Se foi. Se foi. Mas ainda ia indo, quando o dono da casa perguntou: "Não vai levar o seu cão?" "Cão? Cão? Cão? Ah, não! Não é meu, não. Quando eu entrei, ele entrou naturalmente comigo e eu pensei que fosse seu. Não é seu, não?"

MORAL: QUANDO NOTAMOS CERTOS DEFEITOS NOS AMIGOS, DEVEMOS SEMPRE TER UMA CONVERSA ESCLARECEDORA.

FERNANDES, Millor. *Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991. p.102-3.



Mal-entendido pode ter gerado protestos e onda de violência na China

Folha Online - 09/07/2009 - 05h36

Um engano pode ter sido a origem dos confrontos registrados no noroeste da China nesta semana, que deixaram ao menos 156 mortos. Reportagem da agência de notícias Xinhua diz que dois jovens foram linchados em uma fábrica de brinquedos de Shaoguan (Cantão, sul do país) após um mal-entendido no episódio considerado o estopim dos protestos na região de Xinjiang.

Os dois jovens eram da etnia uigur, minoria muçulmana que ocupa grande parte das cidades de Xinjiang - uma vasta região que faz fronteira com o Paquistão, Afeganistão e outros países da Ásia Central. Eles morreram em 26 de junho, após serem espancados por chineses da etnia han, majoritária no país.

Pouco antes de os jovens funcionários da fábrica de brinquedos serem arrancados às pancadas dos quartos em que dormiam, uma jovem da etnia han havia entrado, por engano, no dormitório.

A jovem de 19 anos, chamada Huang Cuilian e trabalhadora da mesma fábrica, disse que tudo não passou de um engano. "Estava perdida, entrei no dormitório incorreto e gritei quando vi os uigures", disse.

Aparentemente, um dos uigures tentou brincar com ela e Huang fugiu correndo. "Depois me dei conta de que estavam apenas brincando", admitiu. Outros trabalhadores da etnia han que também dormiam na fábrica já haviam escutado os gritos da garota e saíram em busca dela.

A briga que terminou com os dois jovens uigures mortos deixou ainda mais de 100 feridos. O governo abafou o episódio, o que irritou a comunidade uigur de Xinjiang.

As autoridades da província de Shaoguan disseram que as diferenças de cultura e idioma entre os locais e os uigures causam certo "isolamento" dessa comunidade, que conta com 800 trabalhadores na região.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u592771.shtml>



Quino. Mafalda 8. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.18-19

[illegible]

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

TEXTO 1:

No começo de seu *Mercury*; Ou: O **Mensageiro Secreto e Rápido** (1641), John Wilkins conta a seguinte história:

O quanto essa Arte de escrever pareceu estranha quando da sua Invenção primeira é algo que podemos imaginar pelos Americanos recém-descobertos, que ficaram espantados ao ver Homens conversarem com Livros, e não conseguiam acreditar que um Papel pudesse falar...

Há um relato excelente a esse Propósito, referente a um Escravo Índio; que, ao ser mandado por seu Senhor com uma Cesta de Figos e uma Carta, comeu durante o Percurso uma grande Parte de seu Carregamento, entregando o Restante à Pessoa a quem se destinava; que, ao ler a Carta e não encontrando a Quantidade de Figos correspondente ao que se tinha dito, acusa o Escravo de comê-los, dizendo que a Carta afirmava aquilo contra ele. Mas o Índio (apesar dessa Prova) negou o Fato, acusando o Papel de ser uma Testemunha falsa e mentirosa.

Depois disso, sendo mandado de novo com um Carregamento semelhante e uma Carta expressando o Número exato de Figos que deviam ser entregues, ele, mais uma vez, de acordo com sua Prática anterior, devorou uma grande Parte deles durante o Percurso; mas, antes de comer o primeiro (para evitar as Acusações que se seguiriam), pegou a Carta e a escondeu sob uma grande Pedra, assegurando-se de que, se ela não o visse comer os Figos, nunca poderia acusá-lo; mas, sendo agora acusado com muito mais rigor do que antes, confessou a Falta, admirando a Divindade do Papel e, para o futuro, promete realmente toda a sua Fidelidade em cada Tarefa.

Poder-se-ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. Wilkins poderia ter objetado que, no seu relato, o senhor tinha certeza de que a cesta mencionada na carta era a mesma levada pelo escravo, que o escravo que a levava era exatamente o mesmo a quem seu amigo dera a cesta, e que havia uma relação entre a expressão “30” escrita na carta e o número de figos contidos na cesta. Naturalmente, bastaria imaginar que, ao longo do caminho, o escravo original fora assassinado e outra pessoa o substituíra, que os trinta figos originais tinham sido substituídos por outros figos, que a cesta foi levada a um destinatário diferente, que o novo destinatário não sabia de nenhum amigo ansioso por lhe mandar figos. Mesmo assim seria possível concluir o que a carta estava dizendo? Entretanto, temos o direito de supor que a reação do novo destinatário seria algo do tipo: “Alguém, e Deus sabe quem, mandou-me uma quantidade de figos menor do que o número mencionado na carta que os acompanha.” Vamos supor agora que não apenas o mensageiro tivesse sido morto, como também que seus assassinos tivessem comido todos os figos, destruído a cesta, colocado a carta numa garrafa e a tivessem jogado no oceano, de modo que fosse encontrada setenta anos depois por Robinson Crusoe. Não havia cesta, nem escravo, nem figos, só uma carta. Apesar disso, aposto que a primeira reação de Robinson Crusoe teria sido: “Onde estão os figos?”

[Adaptado de ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*.
São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 47-49]



Questão 1 (2,0 pontos):

a) Explique como se ilustra no Texto 1 a relação entre a interpretação de um texto e as circunstâncias de sua leitura.

b) Umberto Eco imagina contextos alternativos para a circulação da carta mencionada por John Wilkins. Explique o conteúdo que se mantém inalterado nos diferentes contextos imaginados.

Questão 2 (2,0 pontos):

a) Explique o mal-entendido que levou o escravo a supor que o papel poderia “ver” os seus atos.

b) O parágrafo final do Texto 1 constrói-se principalmente com hipóteses e suposições. Explique como isso se reflete na escolha de tempos e modos verbais ali presentes.



Questão 3 (2,0 pontos):

a) O pronome demonstrativo *essa*, logo no início da passagem de John Wilkins (linha 3), tem função *anafórica*, isto é, faz referência a um conteúdo textual anterior. A que conteúdo anterior podemos inferir que o pronome se refere nesse caso?

b) Na passagem de Wilkins, escrita em 1641, adota-se uma convenção ortográfica distinta da nossa no que diz respeito ao uso de letras maiúsculas. Explícite a diferença.

c) O verbo *ser* tem o mesmo comportamento sintático em todas as frases abaixo, exceto em uma delas. Indique-a e explique a diferença.

- (i) *Talvez a carta fosse encontrada setenta anos depois por Robinson Crusóé.*
- (ii) *A carta expressava o número exato de Figos que deviam ser entregues.*
- (iii) *Vamos supor que o mensageiro tivesse sido morto.*
- (iv) *O escravo afirmou que o papel era uma testemunha falsa e mentirosa.*
- (v) *O escravo foi mandado àquele destino com uma Cesta de Figos e uma carta.*



Texto 2:

CAPÍTULO LXIII / TABULETA NOVA

Era um simples fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública...

- Mas o que é que há? perguntou Aires.

- A república está proclamada.

- Já há governo?

- Penso que já; mas diga-me V. Ex.^a: ouviu alguém acusar-me jamais de atacar o governo?

Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro. Excelentíssimo. Ajude-me a sair deste embarço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado. – “*Confeitaria do Império*”, a tinta é viva e bonita. O pintor teima em que lhe pague o trabalho, para então fazer outro. Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava de título, por mais que me custasse, mas hei de perder o dinheiro que gastei? V. Ex.^a crê que, se ficar “*Império*”, venham quebrar-me as vidraças?

- Isso não sei.

- Realmente, não há motivo; é o nome da casa, nome de trinta anos, ninguém a conhece de outro modo.

- Mas pode pôr “*Confeitaria da República*”...

- Lembrou-me isso, em caminho, mas também me lembrou que, se daqui a um ou dous meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez o dinheiro.

- Tem razão... Sente-se.

- Estou bem.

- Sente-se e fume um charuto.

Custódio recusou o charuto, não fumava. Aceitou a cadeira. Estava no gabinete de trabalho, em que algumas curiosidades lhe chamariam a atenção, se não fosse o atordoamento do espírito. Continuou a implorar o socorro do vizinho. S. Ex.^a, com a grande inteligência que Deus lhe dera, podia salvá-lo. Aires propôs-lhe um meio-termo, um título que iria com ambas as hipóteses, - “*Confeitaria do Governo*”.

- Tanto serve para um régimen como para outro.

[ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. In: *Obra Completa*. vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1975, p.1028-1029.]

Questão 4 (2,0 pontos):

a) Reescreva os períodos abaixo, alterando-os conforme as indicações dadas, **fazendo para isso as adaptações cabíveis**.

i) Passe para o futuro do subjuntivo o verbo da oração condicional:

Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava de título, por mais que me custasse.

ii) Transforme a coordenação assindética em coordenação sindética:

Custódio recusou o charuto, não fumava.



iii) Passe para o discurso indireto a fala de Custódio:

– Realmente, não há motivo; é o nome da casa, nome de trinta anos, ninguém a conhece de outro modo.

b) Qual o sujeito da frase *Lembrou-me isso, em caminho*, na linha 16 do Texto 2?

Questão 5 (2,0 pontos):

O texto 2 consiste no diálogo entre o Conselheiro Aires, diplomata, e o comerciante Custódio, dono da Confeitaria do Império, no momento da proclamação da República no Brasil. A partir das considerações das duas personagens sobre a possível troca do nome da Confeitaria, comente, com suas próprias palavras, a visão crítica presente na literatura machadeana.



ESPANHOL

La increíble historia de la familia que vive en un centro comercial

BUENOS AIRES 11/05/2010 La Nación.

La noticia de un matrimonio y su hija que viven en un centro comercial de la zona de Palermo causó conmoción en la opinión pública y despertó el interés por conocer a fondo la historia de sus integrantes.

Fuentes del centro comercial Alto Palermo contaron que se trata de un caso inusual de una familia de clase media, afectada por motivos desconocidos, que utiliza como base el shopping para comer, descansar, bañarse y realizar sus trámites.

"Tienen su propia rutina. Entran a las 10 y están largas horas, no todo el día ni todos los días y cuentan con la colaboración de los distintos locales que los ayudan con bebidas y comidas", describieron a este medio.

Según indicaron las fuentes, la pareja viste siempre "impecable" y respeta los usos y las costumbres del lugar, sin causar ningún tipo de disturbio.

Al parecer, el jefe de familia es un ex empleado de una empresa constructora que sufrió algún problema. "No están en situación de calle ni son indigentes. Se trata de gente de clase media que cobra una jubilación", indicaron.

En Facebook. La historia llegó hasta la red social Facebook, donde exhibieron imágenes de la pareja durmiendo en mesas del patio de comidas del centro comercial.

En uno de los comentarios, uno de ellos describió: "Antes estaban en las sillas que dan a Freddo, buenísimo cuando al mediodía ponían todas las bolsas y colgaban la ropa en la baranda".

Otro aseguró que se trata de personas que ve todos los días por la zona. "Ahora viven en el Mc, antes estaban en el patio de comidas, siempre en la mesa que está al lado del kiosco que estaba en frente al stand de pastas. El otro día fui después de mucho y vi que se habían mudado".

Pero en el grupo tampoco faltan mensajes que rechazan las burlas de algunos e intentan brindarles algún tipo de asistencia y contención. Así se pueden leer frases como "No creo que sea gracioso esto ... más bien deberíamos analizar y utilizar este medio para ayudarlos" o del estilo "Se nota que nunca les faltó un plato en la mesa. Dios quiera que nunca les pase".

Questão 1 La noticia conmovió a la sociedad porque:

- a) es inusual que una pareja viva en un centro comercial en la zona de Palermo.
- b) la familia se viste impecable y duerme en el patio de comidas de un shopping.
- c) los empleados del centro comercial ayudan a la familia a vivir en el Shopping.
- d) se trata de una familia de indigentes que vive en el centro comercial y respeta sus usos.
- e) es inusual que una familia viva en un centro comercial, más aún siendo de clase media.



Questão 2 El objetivo principal de la noticia es:

- a) denunciar una situación irregular que conmueve a la sociedad civil en conjunto.
- b) mostrar el nivel de tolerancia y buena convivencia que tiene lugar en la zona de Palermo.
- c) informar sobre una situación singular indagando en las causas que le dieron origen y su repercusión mediática.
- d) criticar la actitud de una familia que quiebra las normas sociales establecidas.
- e) dar a conocer la repercusión social de una noticia que se difunde en las redes sociales vía Internet.

Questão 3 La conjunción adversativa **más bien**, usada en "No creo que sea gracioso esto ... **más bien** deberíamos analizar y utilizar este medio para ayudarlos", puede reemplazarse por otra conjunción sin perder su sentido. Señala cuál sería la mejor opción:

- a) a lo sumo.
- b) sobre todo.
- c) pero.
- d) sino.
- e) aunque.

Questão 4 En el testimonio: "Antes estaban en las sillas que dan a Freddo, buenísimo cuando al mediodía ponían todas las bolsas y **colgaban** la ropa en la baranda". El verbo colgar se refiere a la acción de:

- a) adornar.
- b) estar pendiente.
- c) tender.
- d) ahorcar.
- e) abandonar.

Questão 5 La oración "**El otro día fui después de mucho y vi que se habían mudado**" significa que:

- a) el internauta está presente mientras la familia se muda de lugar.
- b) primero la familia se mudó y luego el internauta fue al centro comercial y vio que estaban en otro lugar.
- c) primero el internauta fue al centro comercial y después la familia se mudó.
- d) el internauta siempre va al centro comercial y la familia se está mudando.
- e) el internauta presenció la mudanza reiteradas veces.



Por impulso, 80 % de compras de perros en México

CIUDAD DE MÉXICO 19/05/2010 El Universal

El principal problema para abatir la sobrepoblación canina en México es la falta de educación e irresponsabilidad de quienes adquieren un canino, por ello es necesario fomentar una cultura de posesión responsable, según Carlos Esquivel Lacroix, presidente de la Asociación Mexicana de Médicos Veterinarios Especializados en Pequeñas Especies (AMMVEPE). La mitad de hogares en el país cuentan con un perro, por lo que aproximadamente hay 18 millones de canes. Sin embargo, se estima que existen alrededor de 10 millones de ellos que deambulan por las calles.

"Ha habido iniciativas para impulsar una tenencia formal de perros por parte de asociaciones civiles, pero el panorama es difícil", explicó el también profesor en la Facultad de Veterinaria de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). En la Asamblea del Distrito Federal (ALDF) se encuentra en la "congeladora" desde 2007 una iniciativa de ley que regule la tenencia de perros, la cual obligaría a los propietarios a colocar un chip electrónico para identificarlo, e imponer multas de 50 a mil salarios mínimos y hasta 36 horas de cárcel a quienes no coloquen un collar a su mascota, ni lo trasladen con una correa.

El problema de abandono canino radica, según el experto en que "el 80% de la adquisición de un animal obedece a un impulso, que porque el niño lo pidió en Día de Reyes, o porque es su cumpleaños le regalan un cachorro, como si fuera un juguete, ya que en esta etapa tienen una cara muy bonita". Cuando crecen o pasa el tiempo, la atención dedicada al cachorro se pierde y muchas veces los dueños se deshacen de ellos de la peor manera. Algunos de estos ejemplares son rescatados por asociaciones protectoras o personas que simplemente se compadecen de los animales.

Desafortunadamente, "el esfuerzo de estos centros se ve frenado porque destinan más del 70% de sus recursos en alimentos y medicamentos" para los perros, según datos de la campaña, Pedigree Adóptame, de la que Lacroix es vocero. Esta campaña ha logrado más de cuatro mil 700 adopciones exitosas y ya encausa 20 mil solicitudes. Sin embargo, no todo es color de rosa, a pesar de que muchos de los acogimientos son exitosos, algunas personas desisten, pues "se realiza un perfil del perro y del adoptante para ubicar los alcances que la persona tiene". "A veces se autoexaminan y se dan cuenta de que un perro implica mucha responsabilidad", señala el veterinario. Además, el programa también requiere de un seguimiento de la vida en familia que el perro lleva, después de ser adquirido en alguno de los 28 centros de adopción que cuentan con el respaldo de la campaña.

Questão 6 El objetivo del artículo es:

- a) informar sobre la situación de parálisis que afronta la Ley de regulación sobre la tenencia de perros desde 2007.
- b) denunciar la grave situación de la superpoblación de perros abandonados en la ciudad.
- c) incentivar la ayuda de la población a los centros o asociaciones protectoras de animales.
- d) analizar las responsabilidades que deben ser asumidas por las personas cuando adquieren un perro.
- e) discutir el precio de la multa que deberá pagar el dueño de un perro sin correa o collar.



Questão 7 El tema que NO se menciona en el artículo es:

- a) la mayoría de los mexicanos no tiene una educación de tenencia responsable de caninos.
- b) no sólo las asociaciones y centros de animales rescata a los perros de la calle, sino la gente común.
- c) las asociaciones y centros protectores invierten casi todo su dinero y esfuerzo en la manutención de los animales.
- d) los mexicanos son compradores compulsivos.
- e) la belleza de las crías estimula su compra.

Questão 8 En el cuarto párrafo aparece la expresión coloquial “no todo es color de rosa”. Reemplaza esta expresión por otra que no cambie su significado:

- a) No todo es perfecto.
- b) No todo es tan malo como parece.
- c) La esperanza es lo último que se pierde.
- d) No todo es lo que parece.
- e) No siempre la verdad prevalece.

Questão 9 En el primer párrafo la palabra “hogares” está usada en el sentido de:

- a) veterinarias.
- b) albergues.
- c) parejas.
- d) locales.
- e) residencias.

Questão 10 En el segundo párrafo encontramos la oración: “**Ha habido** iniciativas para impulsar una tenencia formal de perros por parte de asociaciones civiles, pero el panorama es difícil”. La conjugación del verbo “haber” en Pretérito Perfecto nos lleva a pensar en una acción pasada:

- a) cercana al presente de enunciación.
- b) realizada en un pasado lejano al presente de enunciación.
- c) realizada en un pasado anterior a otra acción, pasada también.
- d) acabada definitivamente.
- e) habitual en el pasado.



INGLÊS

Cell phones Now Used More for Data Than for Calls

By JENNA WORTHAM

Published: May 13, 2010

For many Americans, cell phones have become irreplaceable tools to manage their lives and stay connected to the outside world, their families and networks of friends online. But increasingly, by several measures, that does not mean talking on them very much.

5 For example, although almost 90 percent of households in the United States now have a cell phone, the growth in voice minutes used by consumers has stagnated, according to government and industry data. This is true even though more households each year are disconnecting their landlines in favor of cell phones.

10 Instead of talking on their cell phones, people are making use of all the extras that iPhones, BlackBerrys and other smartphones were also designed to do — browse the Web, listen to music, watch television, play games and send e-mail and text messages.

15 The number of text messages sent per user increased by nearly 50 percent nationwide last year, according to the CTIA, the wireless industry association. And for the first time in the United States, the amount of data in text, e-mail messages, streaming video, music and other services on mobile devices in 2009 surpassed the amount of voice data in cell phone calls, industry executives and analysts say.

“Originally, talking was the only cell phone application,” said Dan Hesse, chief executive of a large American telecommunications company. “But now it’s less than half of the traffic on mobile networks.”

20 Of course, talking on the cell phone isn’t disappearing entirely. But figures from the CTIA show that over the last two years, the average number of voice minutes per user in the United States has fallen. When people do talk on their phones, their conversations are shorter and the unused voice minutes mount up.

25 “I have thousands of rollover minutes,” said Zach Frechette, 28, editor of Good magazine in Los Angeles, who explained that he dialed only when he needed to get in touch with someone instantly, and limited those calls to 30 seconds.

Mr. Frechette said part of the reason he rarely talked on his phone was that he had an iPhone. But also, he said, most of his day was spent swapping short messages through services like Gmail, Facebook and Twitter. That way, he said, “you can respond when it’s convenient, rather than impose your schedule on someone else.”

30 Others say talking on the phone is intrusive and time-consuming, while others seem to have no patience for talking to just one person at a time.

“Even though in theory, it might take longer to send a text than pick up the phone, it seems less disruptive than a call,” said Jefferson Adams, a 44-year-old freelance writer living in San Francisco. By texting, he said, “you can multitask between two or three conversations at once.”



35 American teenagers have been ahead of the curve for a while, turning their cell phones into
texting machines; more than half of them send about 1,500 text messages each month,
according to a recent study by the Pew Research Center's Internet and American Life Project.

Mrs. Colburn, from Massachusetts, said she caved to the pleading of her 12-year-old daughter
Abigail for a cell phone to send text messages with her friends after she and her husband
40 discovered it was hindering her from developing bonds with her classmates. "We realized she
was being excluded from party invitations and being in the know with her peers," she said.

Mrs. Colburn said texting had also become a much easier way to stay in touch with her daughter
and receive quick updates about after-school plans. "The other night she texted me from upstairs
to ask a vocabulary question," she said with a laugh. "But I drew the line there. I went upstairs
45 to answer it."

Adapted from

[HTTP://WWW.NYTIMES.COM/2010/05/14/TECHNOLOGY/PERSONALTECH/14TALK.HTML?REF=TECHNOLOGY](http://www.nytimes.com/2010/05/14/technology/personaltech/14talk.html?ref=technology)

ACCESS ON MAY 15TH, 2010

Questão 1 The main purpose of the text is to

- a) prove that only adolescents are frequent users of cell phones.
- b) justify why American adults cannot use text messaging efficiently.
- c) blame smartphones for the inadequate and unsafe use of text messages.
- d) report on a new tendency in the American society concerning the use of cell phones.
- e) show how American cell phone companies have encouraged the use of smartphones.

Questão 2 'Almost 90 percent' (line 4) refers to the percentage of American families that

- a) own a cell phone nowadays.
- b) can only have one cell phone at home.
- c) are exchanging their cell phones for landlines.
- d) have been using voice minutes more frequently.
- e) had to disconnect either their cell phones or landlines.

Questão 3 The fragment "But now it's less than half of the traffic on mobile networks." (lines 17-18)
means that the number of Americans using cell phones to talk has been

- a) quite stable.
- b) gradually rising.
- c) slightly growing.
- d) sharply increasing.
- e) dramatically decreasing.



Questão 4 According to Zach Frechette, text messaging is

- a) exclusively used by people who can afford an iPhone.
- b) definitely time-consuming and unwelcome to most people.
- c) only helpful in case people need to save their voice minutes.
- d) certainly more convenient and less disturbing than phone calls.
- e) always preferred when people have to contact someone at once.

Questão 5 Check the item in which there is a correct correspondence between the idea expressed by the underlined items and the idea in italics.

- a) "This is true even though more households each year are..." (line 6) – *cause*.
- b) "Instead of talking on their cellphones..." (line 8) – *addition*.
- c) "But figures from the CTIA show ..." (line 19) – *conclusion*.
- d) "... you can respond when it's convenient, rather than impose ..." (lines 28-29) – *result*.
- e) "... while others seem to have no patience ..." (lines 30-31) – *contrast*.

Questão 6 In the sentence "Even though in theory, it might take longer ..." (line 32), "might" is correctly substituted by

- a) ought to.
- b) had to.
- c) should.
- d) could.
- e) must.

Questão 7 In the fragment "...more than half of them..." (line 36), "them" refers to

- a) conversations. (line 34)
- b) teenagers. (line 35)
- c) cell phones. (line 35)
- d) machines. (line 36)
- e) messages. (line 36)

Questão 8 Based on the meanings expressed in the text, it is correct to affirm that

- a) "almost" (line 4) and "nearly" (line 11) express opposite ideas.
- b) "surpassed" (line 14) could not be substituted by "exceeded".
- c) "mount up" (line 22) and "accumulate" are synonyms.
- d) "impose" (line 29) and "force" are antonyms.
- e) "bonds" (line 40) and "relations" have different meanings.



Questão 9 In the excerpt “But I drew the line there. I went upstairs to answer it.” (lines 44-45), the expression ‘*draw the line*’ means to

- a) admit a fear.
- b) refuse to act.
- c) impose a limit.
- d) tolerate a threat.
- e) avoid a challenge.

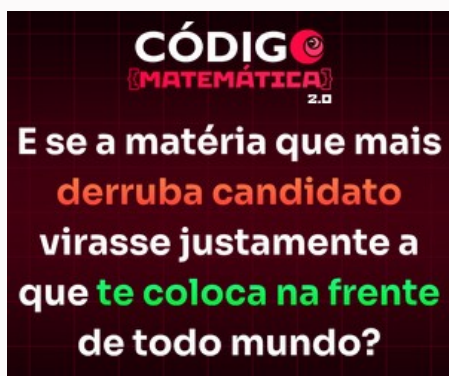
Questão 10 Mrs. Colburn is mentioned in the article because she

- a) illustrates how text messaging can be beneficial to some teenagers.
- b) considers the cell phone an excellent tool to solve vocabulary doubts.
- c) does not know how to deal with her teenage daughter's problems at school.
- d) criticizes young classmates who are excessively dependent on technology.
- e) lists several problems resulting from the excessive use of cell phones by adolescents.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

